



Evento: XXVI Jornada de Pesquisa

## A ARTICULAÇÃO ENTRE O ENSINO, A PESQUISA E A EXTENSÃO NA FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA <sup>1</sup>

THE ARTICULATION BETWEEN TEACHING, RESEARCH AND EXTENSION IN UNIVERSITY  
EDUCATION

Diessica Michelson Martins<sup>2</sup>, Julia Stiebbe Callai<sup>3</sup>, Cátia Maria Nehring<sup>4</sup> e Maria  
Cristina Pansera de Araújo<sup>5</sup>

<sup>1</sup> Escrita desenvolvida a partir de estudos realizados na disciplina “Ensino superior: perspectivas das ações do professor” do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação nas Ciências, da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí).

<sup>2</sup> Mestranda em Educação nas Ciências pela Unijuí. Bolsista Prosuc/Capes. Licenciada em Pedagogia pela Unijuí. diessicammichelson@gmail.com.

<sup>3</sup> Mestranda em Educação nas Ciências pela Unijuí. Bolsista Prosuc/Capes. Licenciada em Educação Física pela Unijuí. juliecallai@hotmail.com.

<sup>4</sup> Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora Adjunto 3 da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí), Departamento de Ciências Exatas e Engenharias (DCEEng) e Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências - Mestrado e Doutorado. Reitora da UNIJUI - Gestão 2020/2023.

<sup>5</sup> Doutora em Genética e Biologia Molecular pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí), Departamento de Biologia e Química e Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências - Mestrado e Doutorado. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2380-6934>. E-mail: pansera95@gmail.com.

### RESUMO

O intuito do artigo é refletir acerca do ensino, da pesquisa e da extensão, enquanto elementos articulados na atuação dos professores das universidades para a formação de profissionais qualificados, que atendam as necessidades de uma comunidade e ao mercado de trabalho. Diante disso, as finalidades da universidade e da atuação do professor universitário frente a grande demanda de trabalho exigem atividades que contemplem o princípio da indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão. A indissociabilidade, por sua vez, acontece na relação entre teoria e prática, na verdadeira práxis, de acordo com Freire (2020). Nesse sentido, considerando uma abordagem qualitativa, Severino (2003), Libâneo (2011), Síveres e Menezes (2011) Almeida (2012), Franco (2013), Silva (2013), Gatti (2013), Gadotti (2017), Dalbosco e Fávero (2017) e Freire (2013; 2020) são alguns dos estudiosos que fundamentam as reflexões propostas. Em suma, o professor precisa estar preparado para articular o ensino, a pesquisa e a extensão, uma vez que este entrelaçamento é fundamental para atingir as finalidades da universidade enquanto problematização dos conteúdos e consideração da realidade da futura profissão dos acadêmicos.

**Palavras-chave:** Indissociabilidade. Professor universitário. Atuação docente.

### ABSTRACT



The purpose of this article is to reflect on teaching, research and extension, as elements that need to be present and articulated in universities for the training of hired professionals, who meet the requirements of the labor market and/or as a need for a community. Therefore, the university's purposes and the role of university professors in the face of a large work demand are highlighted in order to carry out activities that contemplate the principle of inseparability between teaching, research and extension. Inseparability, in turn, occurs in the relationship between theory and practice, the true praxis according to Freire (2020). In this sense, considering a qualitative approach, Severino (2003), Libâneo (2011), Síveres and Menezes (2011), Almeida (2012), Franco (2013), Silva (2013), Gatti (2013), Gadotti (2017), Dalbosco and Fávero (2017) and Freire (2013; 2020) are some of the scholars who underpin the reflections we present in this writing. In short, the professor needs to be prepared to articulate teaching, research and extension, since this intertwining is essential to achieve the purposes of the university as a problematization of content and consideration of the reality of the students' future profession.

**Keywords:** Inseparability. College professor. Teaching activities.

## INTRODUÇÃO

As universidades possuem autonomia didático-científica, administrativa e de gestão, tanto financeira quanto patrimonial, e também obedecerão ao princípio da indissociabilidade das dimensões ensino, pesquisa e extensão (BRASIL, 1988, art. 207). Em concordância, Santos (2011) afirma que há universidades somente quando existe formação, tanto na graduação quanto pós-graduação, entrelaçada com pesquisa e extensão, ao contrário, somente há Ensino Superior (ES) e não universidades.

O ES, no Brasil, é oferecido em Universidades, Centros Universitários, Faculdades, Institutos Superiores e Centro de Educação Tecnológica. Cada uma dessas Instituições de Ensino Superior (IES) possuem a sua particularidade. Diante disso, conforme exposto acima, é papel das universidades articular o ensino, a pesquisa e a extensão, que são fatores importantes para atingir as finalidades desta instituição.

Conforme o artigo 43 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996, art. 43) - documento conhecido como LDB -, cabe às universidades formar cidadãos críticos, reflexivos, ativos na sociedade, pesquisadores e que buscam por formação contínua. Deste modo, também é papel da universidade oportunizar que os acadêmicos desenvolvam tais competências e habilidades, que somente serão atingidas no contato constante com ações de pesquisa e interação com a comunidade.



Organizar atividades de ensino, pesquisa e extensão carece de tempo e dedicação por parte dos professores universitários. Estes, muitas vezes, não estão preparados para implementar essas atividades de forma articulada em suas práticas. Afinal, há grande possibilidade de que a formação destes profissionais também não contemplou as ideias e reflexões necessárias para que compreendam a importância dessa articulação didática e pedagógica. Este artigo, portanto, busca refletir sobre o ensino, a pesquisa e a extensão, articulando essas dimensões no fazer do docente universitário para uma qualificação significativa na formação dos acadêmicos.

## **CAMINHOS METODOLÓGICOS**

Este estudo se insere na pesquisa qualitativa de natureza descritiva e bibliográfica, e foi desenvolvido na disciplina de “Educação Superior: perspectivas da ação do professor” ofertada pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação nas Ciências. As reflexões e leituras oportunizadas na disciplina destacam a importância da articulação entre as práticas de extensão, pesquisa e ensino, como elementos que se completam entre si.

Na busca por uma formação de profissionais qualificados, que atendam os requisitos do mercado de trabalho e da comunidade, é ressaltada a atuação do professor universitário frente às atividades que contemplem o princípio da indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão.

A disciplina foi organizada em três dimensões de discussão: 1. A dimensão extensão; 2. A dimensão pesquisa; e 3. A dimensão Ensino, que serviram de fundamentação para as considerações a seguir. A fim de realizar uma síntese do assunto de forma a relacionar com as ações docentes, incluiu-se o último subtítulo “A universidade e o professor universitário no processo de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”. Nesse sentido, Severino (2003), Libâneo (2011), Síveres e Menezes (2011) Almeida (2012), Franco (2013), Silva (2013), Gatti (2013), Gadotti (2017), Dalbosco e Fávero (2017) e Freire (2013; 2020) são alguns dos estudiosos que fundamentam as reflexões que apresentamos nesta escrita.

## **A DIMENSÃO EXTENSÃO**

As pesquisas universitárias precisam ser disponibilizadas para contribuir com a comunidade externa e, mais que isso, é indispensável envolver essas pessoas nos estudos



acadêmicos. Diante desse apontamento inicial, podemos refletir sobre uma das dimensões que faz parte do tripé da indissociabilidade presente nas universidades, a extensão.

Como surgiu a extensão? O que é a extensão universitária? Quem são os sujeitos envolvidos nesse pilar universitário? Qual é a finalidade da extensão? Essas são algumas das questões contempladas neste subtítulo. Para tanto, obras de diversos pesquisadores nos fazem pensar sobre a extensão e suas fundamentações (MENEZES; SÍVERES, 2011; SÍVERES, 2013, 2011; SILVA, 2013; GADOTTI, 2017; dentre outros).

O percurso histórico da extensão universitária surgiu na Inglaterra, no século XIX e era vista como formação continuada e destinada a adultos sem acesso à universidade. Entretanto, no Brasil foi somente na década de 1960 que a concepção de extensão que conhecemos hoje surgiu, com o objetivo da universidade efetivar os seus compromissos com a sociedade.

Alguns documentos firmam sobre a extensão e a Constituição de 1988 é um deles, pois ratificou o princípio da indissociabilidade sobre o ensino, pesquisa e extensão (BRASIL, 1988). Além disso, o artigo 43 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a LDB (BRASIL, 1996) também aborda sobre a extensão e traz a mesma como uma das finalidades da universidade (GADOTTI, 2017).

A extensão serve como instrumento para as mudanças na sociedade e na universidade. Podemos dizer que é uma socialização de saberes entre acadêmicos e os sujeitos da comunidade externa, onde ambos se ajudam com o objetivo de aprender uns com os outros através de experiências e vivências. Para o acadêmico, a extensão é uma oportunidade de qualificar seus conhecimentos, vivenciar aprendizados teóricos na prática, compreender o contexto, crescer como cidadão e, acima de tudo, a possibilidade de vislumbrar a realidade que os espera após a conclusão do curso.

A formação, que contempla ações desse meio, ajuda a constituir uma identidade satisfatória dos profissionais, que, por sua vez, estarão preparados para as exigências do mundo do trabalho, comprometidos com a sociedade que se transforma a cada dia no exercício profissional cidadão democrático. Os momentos vivenciados pelos extensionistas são imprescindíveis para o ser humano perceber com intensidade a sua integridade com base nos instantes vividos (DILTNEY *apud* MENEZES, SÍVERES, 2011) e também contempla



emoções, sensações, conexões e razões capazes de modificar as concepções dos sujeitos (PONTY *apud* MENEZES, SÍVERES, 2011).

Os docentes e os estudantes percebem que a extensão, em muitas instituições, está ocupando o último lugar da tríade universitária e assim fica depois da pesquisa e do ensino. No entanto, não existe uma ordem de prioridades, todas têm (ou deveriam ter) a mesma importância. Ao analisarmos por outro ângulo, a extensão seria a principal, visto que não podemos fazer pesquisa sem extensão, ou seja, as pesquisas precisam estar centradas na realidade, pois possuem o objetivo de contribuir com a sociedade e, deste modo, sem pesquisa não haveria ensino. Todavia, a finalidade agora não é demonstrar os motivos de todas serem prioritárias da mesma maneira, mas defender que uma precisa da outra para acontecer, que são indissociáveis apesar de seus conceitos serem distintos.

Para Síveres (2013), a extensão favorece a atuação da dinâmica global onde predomina a compreensão da realidade e também os princípios que fortalecem o exercício desse pilar da universidade. Além disso, Síveres (2013) e Silva e Menezes (2011) entendem a extensão como problematizadora, a fim de desenvolver a capacidade de pensar dos sujeitos e possibilitar interações para além dos muros das escolas.

Freire (2013) marca presença nessa temática e sua abordagem refere a extensão como comunicação. Em todas as suas obras, o educador e filósofo brasileiro entrelaça as ideias de interação e reflexão e ao abordar sobre extensão não é diferente. Ele reconhece que a universidade como espaço de formação precisa contribuir e estimular o ato reflexivo e dialógico da realidade.

A extensão no âmbito universitário oferece possibilidades aos acadêmicos de ampliar e socializar o conhecimento para além das salas de aulas e assim contribuir com a comunidade externa como forma de agradecimento pelo espaço concedido às pesquisas, aos momentos de diálogo e por proporcionar o amadurecimento de seus ideais. Esses momentos com a comunidade ampliam o repertório e a visão dos futuros profissionais, afinal, um saber teórico ao ser contextualizado ganha significados reais.

Na perspectiva de Freire (2013), o diálogo que enfatizamos fortemente na extensão não é a transferência de informações ou de conhecimentos, mas um encontro de sujeitos que exercitam a busca do significado das informações e dos conhecimentos. Nesse viés Silva (2013) comenta que a extensão não é uma nova função da universidade, mas uma



metodologia do fazer acadêmico, uma forma de ser pública, científica, comunitária e social para que os diferentes segmentos da sociedade possam contribuir, refletir e usufruir na construção da cidadania e de novas esferas públicas.

A extensão, portanto, é o conhecimento da universidade e da comunidade socializado nos diálogos entre estas instâncias, em que os saberes do senso comum são imprescindíveis e precisam ser abordados e estudados pelos acadêmicos para os tornar acessíveis no processo formativo, de modo a constituir um espaço de interlocução permanente. Assim, as teorias não estarão vazias, mas contempladas em práticas educativas contextualizadas e impregnadas de significados desde a realidade. Isto posto, Fernandes (*apud* GADOTTI, 2017) afirma que o que dá grandeza às universidades não é o que se faz dentro delas, é o que se faz com o que elas produzem.

## A DIMENSÃO PESQUISA

Antes de estar nas universidades, a pesquisa era realizada em institutos e museus criados para esse fim e ligada à expansão agrícola e à extinção de doenças tropicais, porém os trabalhos desenvolvidos não tinham continuidade (BRIDI, 2015). Refletir sobre a dimensão pesquisa envolve discutirmos constituição de grupos de estudos, financiamentos, professores pesquisadores e publicações. É nesses aspectos que este ítem está fundamentado e também com o intuito de realçar a sua importância para o processo educativo, afinal, é um princípio educativo.

No Brasil, encontramos um frágil sistema de ES. Dentre as dificuldades e divergências temos poucas universidades com financiamento público, bem como espaços para a pesquisa e desenvolvimento tecnológico, ainda, um número elevado de faculdades afastadas, com poucos recursos humanos e financeiros. Órgãos de fomento são essenciais para o desenvolvimento das pesquisas e em nosso país temos dois: 1. CNPq: Destinado ao financiamento da pesquisa científica e tecnológica e à formação de recursos humanos para a pesquisa em nosso país; 2. Fundações de Amparo à Pesquisa (FAP) (MASSI; QUEIROZ, 2015).

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) é um dos programas que o CNPq financia e distribui bolsas de estudo para os graduandos. Esse programa oferece diversas contribuições, dentre as quais está a formação e a instigação de sujeitos a serem pesquisadores. Desde a década de 1950 a Iniciação Científica (IC) vem sendo



realizada informalmente nas universidades enquanto objeto de política nacional. Ela é organizada, promovida e financiada pelo governo federal desde 1963. No Brasil, tem se desenvolvido basicamente nas universidades envolvidas em pesquisas acadêmicas, e com projetos institucionais de IC, principalmente aqueles promovidos por órgãos de fomento, o que contribui profundamente para as pesquisas.

A pesquisa muitas vezes acaba sendo conhecida apenas nos programas de pós-graduação, mais especificamente *stricto sensu*, onde o mestrando ou doutorando precisa desenvolver produções com mais rigorosidade. Na Educação Básica e durante a graduação pouco se fala dessa dimensão que favorece tanto os professores - intermediários, mediadores e problematizadores da educação -, quanto os estudantes.

A IC é um processo que abrange experiências para alunos durante a graduação e também é definida como o desenvolvimento de um projeto de pesquisa elaborado e realizado com a orientação de professor da universidade, seja com ou sem bolsa para os alunos. Além disso, é um mecanismo de formação e que viabiliza despertar talentos e vocações para o campo científico e também para “iniciar o processo de formação de pesquisadores, um instrumento de construção do pensamento científico, pela inserção de aprendizes na prática da pesquisa” (CABRERO; COSTA, 2015, p. 110).

Adentramos, portanto, na importância de instigar e sensibilizar os graduandos para participarem de programas de pesquisa e de investigações científicas. Para isso, trazemos o professor universitário como incentivador dessa prática educativa, visto que esse profissional precisa estar conectado com pesquisas, afinal, quem forma pesquisadores são outros pesquisadores.

A formação qualificada, experiências com pesquisas, repertório nobre em produções científicas, publicações e apresentações em congressos ou outros eventos relacionados a área de atuação são pontos fundamentais e presentes na vida de um bom orientador. Gatti enfatiza sobre o professor pesquisador que segundo ele

Um docente de ensino superior não pode prescindir da pesquisa de seu campo de especialidade, tanto no sentido de manter-se atualizado, como no sentido de participar da construção dessa atualização, pois os conhecimentos estão sempre em construção. Para o bom exercício da docência universitária não se dispensa a interação intensa entre produção do conhecimento e atividades de ensino (GATTI, 2003, p. 79).



Nesse viés, os estudantes, bolsistas ou não, que almejam ser pesquisadores, terão acesso a boas orientações e condução no desenvolvimento de um perfil profissional competente e crítico. Todavia, para tornar-se bolsista de IC é imprescindível que esteja envolvido em um curso de graduação, ter tempo para se dedicar a vida acadêmica e pesquisar. Além disso, trabalhar com pesquisas exige interesse, bom nível intelectual e aprovação em todas as disciplinas cursadas, sob pena de perder a bolsa.

As interações são imprescindíveis para a carreira dos sujeitos nas pesquisas, mas não falamos apenas da relação orientador-orientando, é uma relação para além: com comunidade, com outros pesquisadores, com grupos de pesquisa e com outras universidades. O individualismo não serve para quando estamos falando do mundo da pesquisa. O que nos convém é uma comunidade leitora, exploradora, investigadora e problematizadora. E por quais motivos isso é crucial?

No decorrer das pesquisas iremos encontrar e conhecer vários caminhos, bem como vários obstáculos que darão sustentação e capacitação para realizar a investigação. Caminhar por uma via populosa é importante para nos atualizarmos sobre o assunto e conhecer lacunas que ainda não foram preenchidas sobre o mesmo. Posto isso, as publicações dos trabalhos são fundamentais, aliás, como iremos saber o que há e o que vem sendo escrito e pesquisado sobre a temática?

Artigos, livros, capítulos, dissertações, teses e monografias são condições favoráveis desse “habitat”. Não obstante, guardar essas escritas e todo conhecimento que ela propiciou não dá sentido ao principal objetivo da pesquisa: aprimorar os objetos pesquisados e assim beneficiar mais sujeitos que estão envolvidos com os fatores estudados.

Podemos acrescentar, ainda, a pesquisa como um instrumento do processo de ensino, sendo a condução do próprio processo pedagógico derivado de uma contínua atividade de busca (SEVERINO, 2003). Assim, o professor deve utilizar-se da pesquisa como um meio de ensinar, de instigar a curiosidade científica, dando ênfase ao processo de aprendizagem de seus alunos. De acordo com Severino (2003) o envolvimento com a produção de pesquisa, ainda na fase de graduação, é o caminho mais adequado para se alcançar os objetivos da aprendizagem.

Entendemos, portanto, que incentivar os graduandos a se inserirem no mundo da pesquisa é um dos papéis do professor pesquisador/orientador - profissional que precisa estar



comprometido com essa dimensão. Desse modo, as bolsas de estudo também são fundamentais e saber aproveitá-las e honrá-las através de publicações é o dever do bolsista. A pesquisa na vida acadêmica, profissional e pessoal dos pesquisadores oportuniza a constituição de sujeitos críticos, reflexivos e competentes para colaborar com a sociedade. Educar pela pesquisa é educar para o mundo.

### **DIMENSÃO ENSINO**

O ensino é uma atividade complexa e exige que o professor circule por diferentes vias a fim de contextualizá-lo para potencializar satisfatoriamente os conhecimentos e saberes próprios e dos discentes. Almeida (2012, p. 71) aborda de forma sublime o que é o ensino, contemplando pensamentos de outros estudiosos e, nas suas palavras, o mesmo é uma “atividade que requer conhecimento específicos, consolidados por meio de formação pedagógica voltada especificamente para esse fim, e atualização constante das abordagens dos conteúdos e das novas maneiras didáticas de ensiná-los”.

A democratização do acesso ao ES transformou o papel social deste nível de ensino, de formador de uma elite intelectual, para a formação profissional da população como principal foco (FRANCO, 2013). Desta forma, a atuação do professor também necessita de uma transformação que acompanhe as demandas emergentes deste processo. A sociedade atual pressiona as instituições de ensino a mudar as formas de lidar com os conteúdos e suas concepções de aprendizagem e ensino. A relação professor e aluno, embora sempre voltada para a formação intelectual, não deixa de ser uma relação social porém com uma intencionalidade - social e política (LIBÂNEO, 2011).

O que podemos compreender com o exposto acima é que o ensino exige, sobretudo, uma formação continuada dos professores. Mas a questão é: por quê? É diante dessa perspectiva que levantamos a discussão sobre ensino e o professor universitário, tanto em sua perspectiva de constituição profissional, quanto no que se refere ao seu papel diante dessa dimensão de ensinar.

Para iniciar o debate, é pertinente entender que o ensino e a aprendizagem são concomitantes, em outras palavras, o desenvolvimento da aprendizagem acontece levando em consideração a forma em que o ensino é pensado e como está situado. Por outro lado, a aprendizagem influencia no ensino e nas práticas pedagógicas do professor, pois, conforme a



mesma vai evoluindo (ou regredindo), novas metodologias de ensino precisam ser pensadas e organizadas.

Significativa parte do corpo docente das IES não compreende o seu real papel neste espaço de formação de novos profissionais. Isso sucede desde muito cedo na história desses professores, que, em síntese, acontece pelo fato dos mesmos não reconhecerem que o ensino envolve a dimensão pedagógica e didática (ALMEIDA, 2012).

A concepção tradicional e tecnicista prevalece, infelizmente, nas metodologias de ensino do professor universitário. Desse modo, a transmissão de conhecimentos é o que se entende como relevante, onde o professor é o porta-voz do conhecimento específico necessário para o desenvolvimento dos graduandos e futuros sujeitos a adentrarem no mundo do trabalho.

Diante desses fatores, o professor desconsidera que não há como fazer com que os graduandos, mestrandos ou até mesmo doutorandos tornem-se sujeitos críticos, criativos, participativos e interessados se forem seguidas concepções técnicas e/ou tradicionais. E isso acontece pois ambas as concepções não oportunizam espaço para o estudante e, além disso, tão pouco valoriza os conhecimentos anteriores dos mesmos. As IES estão progressivamente conquistando uma diversidade de sujeitos e assim, tornam-se cada vez mais heterogêneas, o que nos faz discorrer sobre outra questão relevante: como contemplar a pluralidade no ensino?

A diversidade de pessoas que estão se desafiando a se tornarem acadêmicos “interferem na construção da docência e da aula em um contexto de ES marcado por exigências sociais, políticas, institucionais e pessoais” (VIANA; SILVA, 2017, p. 70). Este é um dos motivos pelos quais as metodologias precisam constantemente serem analisadas e adaptadas e, eminentemente, a formação continuada docente precisa acontecer. Afinal, conforme salientam Fensterseifer e Johann (2021), todas as formações, sejam elas inicial ou continuada, são insuficientes, pois sempre teremos mais o que aprender.

Os professores universitários são desafiados constantemente e possuem uma lista de afazeres ampla. Por isso, conhecer os seus alunos é uma das tarefas mais indispensáveis e que facilita na organização das suas aulas. Este processo leva tempo e exige dos professores, entretanto, é um meio de tornar o ensino significativo e as aprendizagens visíveis.

A dimensão didática e pedagógica - frequentemente desconsideradas no ES-qualificam todos os aspectos do ensino, visto que a pedagogia está atenta no ato de educar, de



analisar as práticas educativas e contribuir no trabalho do professor. Por sua vez, a didática orienta o profissional a pensar nos recursos adequados, abre caminhos para pensar novas técnicas (ALMEIDA, 2012). Melhor dizendo: essas dimensões são imprescindíveis e fazem com que os desafios não se tornem aterrorizantes para o professor.

Todavia, Franco (2013) expõe que a grande maioria dos professores universitários não se formam professores, mas profissionais de diversas áreas nas quais se tornam especialistas e, portanto, considera-se que possuem conhecimentos suficientes para ensiná-la. Neste contexto os professores internalizam conhecimentos provenientes da experiência docente, mas não possuem saberes didáticos ou pedagógicos.

Não basta o professor ter domínio da teoria, ele carece de prática, de experiência, de reflexão. Além disso, não é suficiente saber e conhecer diferentes metodologias. É necessário ter a competência de articular suas atividades com intencionalidade pedagógica, afinal, não são os instrumentos e metodologias que irão qualificar o ensino, mas sim o docente.

O objetivo do ensino é a aprendizagem, esta que somente irá acontecer na articulação da teoria e da prática, na dinâmica entre professor e aluno que acontece de forma contextualizada, conforme é enfatizado na teoria histórico-cultural de Vigotski. Assim, é inevitável prezar por metodologias ativas: seminários, conversas dirigidas, problematização, estudo de caso, dentre outras atividades (LIBÂNEO, 2011) que envolvem a integração e a perspectiva de uma didática crítica.

Raramente os cursos *stricto sensu* contemplam disciplinas que tratam sobre a didática e pedagogia, para formar com excelência os possíveis futuros professores universitários. Nesse sentido, cabe a cada um desses profissionais buscarem seu aprimoramento e, em alguns casos, a instituição de ensino, onde o mesmo trabalha, fornecer momentos de formação continuada. Portanto, órgãos que se envolvem com o ensino precisam fornecer condições para o professor dar conta da sua demanda de trabalho.

A dimensão do ensino é, geralmente, a atuação central da figura do professor e também, de certa forma, a mais complexa, uma vez que a partir da ação do ensino pode-se trabalhar também as dimensões da pesquisa e da extensão. Entretanto, a docência na universidade, assim como na Educação Básica, necessita estar pautada na pedagogia e na didática - uma vez que esta preocupa-se com a finalidade do que se ensina e é fundamental para organizar a prática - para que seja possível mobilizar e formar conhecimentos em diálogo



com os alunos, bem como realizar os processos de investigação e intervenção na comunidade em que os sujeitos e a instituição estão inseridos.

Em síntese, espera-se encontrar professores universitários que reconheçam o seu papel para a formação de jovens peculiares, que pensam com autonomia, criticidade e criatividade (FRANCO, 2013). E, além disso, de condições favoráveis para que esse reconhecimento aconteça, afinal, a prática complexa que é o fazer do ensino vai para além de textos e leituras entre quatro paredes e, nesse ponto, poderíamos então retornar a pesquisa e extensão, firmando a indissociabilidade entre as três dimensões.

### **A UNIVERSIDADE E O PROFESSOR UNIVERSITÁRIO NO PROCESSO DE INDISSOCIABILIDADE ENTRE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO**

A universidade é um espaço privilegiado para sistematizar conhecimentos já produzidos pela humanidade e também para produzir novos saberes (SAMPAIO; FREITAS, 2010). Todavia, para que esses conhecimentos sejam adquiridos de forma significativa é necessário que ocorra uma contextualização entre teorias e práticas.

Freire (2020) aborda sobre a relação entre teoria e prática, defendendo que a união das mesmas é indispensável, visto que somente a teoria é verbalismo e apenas a prática é ativismo. No entanto, juntas propiciaram o ensino e a aprendizagem, a verdadeira práxis que poderá, mediante análises e reflexões, qualificar na formação dos acadêmicos.

Dalbosco e Fávero (2017) discutem acerca da necessidade das universidades estarem adequadas às mudanças que constantemente ocorrem no mundo, foi por essas adequações que a mesma foi capaz de sobreviver e ser notada como instituição fundamental para a formação de profissionais. Desta forma, para compreender tais transformações é preciso estar em contato com o contexto e explorá-lo, tarefa esta que pode ser realizada através de atividades de extensão.

A ideia de transmissão de conhecimento do professor para o estudante é algo que felizmente não nos convém mais. O ensino tradicional não está adequado às necessidades que o mundo impõe para a formação de profissionais capacitados para a atuação no mercado de trabalho que possui várias exigências. Dentre os requisitos profissionais estão o senso crítico, a agilidade na resolução de problemas, ser pesquisador e autenticidade, que por sua vez são competências e habilidades desenvolvidas através do ensinar e aprender pela pesquisa.



Estudar teorias por si só não fará que os sujeitos reflitam e se tornem qualificados. É preciso de mediação e instigação que o professor deverá propiciar para que os estudantes sejam protagonistas do seu processo de ensino e de aprendizagem. Porém, para impulsionar os estudantes o professor, acima de tudo precisa estar preparado para liderar atividades que envolvam a tríade o ensino, a pesquisa e extensão.

A formação do professor é imprescindível para a indissociabilidade da tríade, afinal, assim servirão de inspiração para os acadêmicos. Portanto, pensar sobre políticas de formação de professores é um dos assuntos que precisa estar presente nas pautas das universidades, afinal não se forma professores universitários - aliás, independente da etapa e nível de ensino - sem pensar neles, nos seus conhecimentos e nas suas competências.

Moita e Andrade apontam que

Considerados apenas em relações duais, a articulação entre o ensino e a extensão aponta para uma formação que se preocupa com os problemas da sociedade contemporânea, mas carece da pesquisa, responsável pela produção do conhecimento científico. Por sua vez, se associados o ensino e a pesquisa, ganha-se terreno em frentes como a tecnologia, por exemplo, mas se incorre no risco de perder a compreensão ético-político-social conferida quando se pensa no destinatário final desse saber científico (a sociedade). Enfim, quando a (com frequência esquecida) articulação entre extensão e pesquisa exclui o ensino, perde-se a dimensão formativa que dá sentido à universidade. Embora se reconheça a importância dessas articulações duais, o que aqui se defende é um princípio que, se posto em ação, impede os reducionismos que se verificam na prática universitária: ou se enfatiza a produção do novo saber, ou a intervenção nos processos sociais, ou ainda a transmissão de conhecimentos na formação profissional (2009, p. 269).

Corroborando com esse pensamento, o ensino, conforme salientam Dalbosco e Fávero (2017), é uma atividade interativa. Deste modo, essa afirmação entrelaça com a ideia de que o ensino apenas acontece significativamente quando houver a interação com o outro (extensão) e na produção de conhecimento (pesquisa).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora os conceitos das dimensões que compõem o tripé do princípio da indissociabilidade sejam distintos, é notório que não há como falar de um sem salientar os outros. Afinal, as finalidades das universidades são atingidas somente quando as três dimensões (ensino, pesquisa e extensão) forem levadas em consideração em todas as ações que a instituição e os professores universitários propuserem.



Todavia, reconhecemos que as dimensões pesquisa e extensão são realizadas, ainda, por poucos professores da universidade. Essa é uma consequência das poucas políticas que encontramos acerca da formação dos professores desse nível de ensino, pois estes na maior parte das vezes estão preparados para atuar com o ensino desconectado dos outros elementos. Posto isso, é indispensável que haja discernimento para repensar as práticas educacionais envolvendo as concepções didáticas e pedagógicas com o intuito de constituir a identidade desses profissionais, envolvendo o ensino, pesquisa e a extensão no fazer do professor.

Em suma, a preparação do docente para articular o ensino, a pesquisa e a extensão possibilita aos discentes uma problematização dos conteúdos, pois assim levarão em consideração a realidade da futura profissão. Deste modo, pensar e agir para qualificar a formação de professores universitários é o mesmo que oferecer aos estudantes uma formação acadêmica significativa.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Isabel de. Por que a formação pedagógica dos professores do Ensino Superior?. In: ALMEIDA, Maria Isabel de. **Formação do professor do Ensino Superior: Desafios e políticas institucionais**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2012, p. 61-109.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988. Disponível em:  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 05 jun. 2021.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional 9.394/96**. Disponível em  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em 02 jun. 2021.

BRIDI, Jamile C. A.. A pesquisa nas universidades brasileiras: implicações e perspectivas. In: MASSI, Luciana; QUEIROZ, Salete Linhares (org.). **Iniciação científica: aspectos históricos, organizacionais e formativos da atividade no ensino superior brasileiro**. São Paulo: Unesp Digital, 2015. p. 13-35.

CABRERO, Rodrigo de Castro; COSTA, Maria da Piedade Resende da. Iniciação científica, bolsa de iniciação científica e grupos de pesquisa. In: MASSI, Luciana; QUEIROZ, Salete Linhares (org.). **Iniciação científica: aspectos históricos, organizacionais e formativos da atividade no ensino superior brasileiro**. São Paulo: Unesp, 2015. p. 109-129. Disponível em:  
<https://static.scielo.org/scielobooks/s3ny4/pdf/massi-9788568334577.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2021.

DALBOSCO, Claudio Almir; FÁVERO, Altair Alberto. Universidade e formação pedagógica: a busca por excelência em ensino, pesquisa e extensão. In: SGARI, Rosani;



VALÉRIO, Patrícia da Silva; CASAGRANDA, Edison Alencar (org.). **Universidade e formação**. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2017. p. 13-35.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo; JOHANN, Maria Regina. A indissociabilidade do ensino, da pesquisa e da extensão: uma questão prática. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. e36210111795, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/11795>. Acesso em: 01 ago. 2021.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Didática: uma esperança para as dificuldades pedagógicas do Ensino Superior?. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 9, n. 15, p. 147-166, jul./dez. 2013.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 75 ed. São Paulo: Paz & Terra, 2020.

GADOTTI, Moacir. **Extensão Universitária: Para quê?** 2017. Disponível em: [https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extens%C3%A3o\\_Universit%C3%A1ria\\_-\\_Moacir\\_Gadotti\\_fevereiro\\_2017.pdf](https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extens%C3%A3o_Universit%C3%A1ria_-_Moacir_Gadotti_fevereiro_2017.pdf). Acesso em: 08 jun. 2021.

GATTI, Bernardete. Formação do professor pesquisador para o ensino superior: desafios. **Psicologia da Educação**, São Paulo, v. 16, p. 73-82, jan/jun. 2003. Semestral. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicoeduca/article/view/31379/21911>. Acesso em: 12 jul. 2021.

LIBÂNIO, José Carlos. Conteúdo, formação de competências cognitivas e ensino com pesquisa: unindo ensino e modos de investigação. In: PIMENTA, Selma Garrido; ALMEIDA, Maria Isabel de. **Pedagogia universitária: caminhos para a formação de professores**. São Paulo: Cortez, 2011. p. 188-212.

MASSI, Luciana; QUEIROZ, Saete Linhares. A perspectiva brasileira da iniciação científica: desenvolvimento e abrangência dos programas nacionais e pesquisas acadêmicas sobre a temática. In: MASSI, Luciana; QUEIROZ, Saete Linhares (org.). **Iniciação científica: aspectos históricos, organizacionais e formativos da atividade no ensino superior brasileiro**. São Paulo: Unesp, 2015. p. 37-64. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/s3ny4/pdf/massi-9788568334577.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2021.

MENEZES, Ana Paula Teixeira de; SÍVERES, Luiz. Nas fronteiras da indissociabilidade - a contribuição da extensão universitária. In: MENEZES, Ana Luisa Teixeira de; SÍVERES, Luiz (org.). **Transcendendo fronteiras: a contribuição da extensão das instituições comunitárias de ensino superior (ICES)**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2011. p. 26-50.

MOITA, Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro; ANDRADE, Fernando César Bezerra de. Ensino-pesquisa-extensão: um exercício de indissociabilidade na pós-graduação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, p. 269-280, maio/ago. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782009000200006>. Acesso em: 09 jul. 2021.



SAMPAIO, Jorge Hamilton; FREITAS, Marta Helena de. A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. In: FREITAS, Lêda Golçalves; CUNHA FILHO, José Leão da; MARIZ, Ricardo Spindola (org.). **Educação Superior: princípios, finalidades do ensino e formação continuada de professores**. Brasília: Liber Livros, 2010. p. 13-32.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A universidade no século XXI: Para uma reforma democrática e emancipatória da universidade**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Ensino e pesquisa na docência universitária: caminhos para a integração**. São Paulo: Usp, 2008. Disponível em:  
[https://www.prg.usp.br/wp-content/uploads/antonio\\_joaquim\\_severino\\_cadernos\\_3.pdf](https://www.prg.usp.br/wp-content/uploads/antonio_joaquim_severino_cadernos_3.pdf).  
Acesso em: 02 jul. 2021.

SILVA, Enio Waldir da. Fortalecendo a cultura cidadã dos estudantes - um dos papéis da extensão na universidade. In: SÍVERES, Luíz (org.). **A extensão universitária como um princípio de aprendizagem**. Brasília: Liber Livro, 2013. p. 109-135.

SÍVERES, Luiz. Princípios estruturantes da extensão universitária. In: MENEZES, Ana Luisa Teixeira; SÍVERES, Luiz (org.). **Transcendendo fronteiras: a contribuição da extensão das instituições comunitárias de ensino superior (ICES)**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2011. p. 26-50.

SÍVERES, Luiz. O princípio da aprendizagem na extensão universitária. In: SÍVERES, Luiz (org.). **A extensão universitária como um princípio de aprendizagem**. Brasília: Liber Livro, 2013. p. 19-33.

VIANA, Cleide Maria Quevedo Quixadá; SILVA, Edileuza Fernandes da. A aula na educação superior: desafios e perspectivas na atualidade. **Revista de Administração Educacional**, Recife, p. 67-80, jan/jun. 2017. Semestral. Disponível em:  
<https://periodicos.ufpe.br/revistas/ADED/article/view/23121>. Acesso em: 09 jul. 2021.